

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

ELTON GUTOCK

ATIVIDADES DE AVENTURA COMO ATRATIVO TURÍSTICO NO PARQUE
ESTADUAL DE VILA VELHA - PR

PONTA GROSSA - PR

2022

ELTON GUTOCK

ATIVIDADES DE AVENTURA COMO ATRATIVO TURÍSTICO NO PARQUE
ESTADUAL DE VILA VELHA - PR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
para obtenção do título de Bacharel em Turismo
na Universidade Estadual de Ponta Grossa, área
de Ciências Sociais Aplicadas.

Orientadora: Prof.^a Dra. Jasmine Cardozo Moreira.

PONTA GROSSA – PR

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conduzir durante todos esses anos. Por ter me dado forças pra passar por todos os obstáculos, principalmente durante o período da pandemia.

Agradeço a minha noiva Natally por ter me apoiado em todos os momentos, pela dedicação oferecida e pela compreensão nos momentos de ausência.

Aos meus pais Gleudicleia e Carlos por todo apoio durante os anos de curso e pelo incentivo aos estudos que desde criança sempre me deram.

A todos os professores da UEPG, em especial a minha orientadora Dra. Jasmine primeiramente por ter aceitado a me orientar nessa pesquisa, pelos ensinamentos e mesmo apesar do pouco contato pessoal nunca deixou de me dar o suporte necessário.

Agradeço ao Parque Estadual de Vila Velha e toda a sua gestão por ter me cedido o espaço para a pesquisa, pela colaboração no questionário e por todo suporte oferecido.

A Universidade Estadual de Ponta Grossa por ter permitido fazer parte da sua história.

A todos os visitantes abordados por terem dedicado alguns minutos da sua atenção para colaborar na pesquisa.

Por fim, agradeço a todos os amigos e colegas que fiz durante essa trajetória, pelos diversos momentos vividos e a todos que de forma direta ou indireta participaram deste trabalho.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

(Martin Luther King)

RESUMO

O turismo de aventura, segmento de destaque no Brasil na década de 1980, segue em constante crescimento até os tempos atuais, sendo praticado em diversos locais e na maioria dos casos em ambientes naturais, mas podendo também ser praticado em ambientes urbanos. Recentemente, o Parque Estadual de Vila Velha, no Paraná, recebeu uma concessão e passou a ser administrado pela empresa Soul Parques, onde foram inseridas diferentes atividades de aventura para oferecer maiores opções aos visitantes, ao mesmo tempo em que o parque adentra ao cenário da aventura. Apesar das diferentes atrações, este trabalho visa focar nas atividades de aventura, com o objetivo de identificar se tais atividades são o motivo das pessoas se deslocarem até o parque para visitá-lo. Após a identificação de cada atividade, foram abordados os fatores relevantes de cada uma, tais como conceitos, equipamentos, o modo com que são praticadas e sua importância no ponto de vista dos visitantes. Considerando a influência do Parque Estadual de Vila Velha como atrativo turístico na região, foi realizada uma pesquisa de campo onde diversos visitantes foram abordados de maneira aleatória para responderem um questionário logo após a finalização da visita. A pesquisa teve duração de cinco dias e foi possível coletar cem respostas, onde se obteve o resultado do objetivo proposto pelo trabalho, apresentando o motivo principal do fluxo de visitantes no PEVV.

Palavras-chave: Turismo de aventura. Atividades de aventura. Parque Estadual de Vila Velha - PR.

ABSTRACT

Adventure tourism, a prominent segment in Brazil in the 1980, continues to grow steadily until today, being practiced in several places and in most cases in natural environments, but it can also be practiced in urban environments. Recently, the Parque Estadual de Vila Velha, in Paraná, received a concession and started to be managed by the company Soul Parques, where different adventure activities were inserted to offer more options to the visitors, at the same time that the park enters the scenery of the adventure. Despite the different attractions, this work aims to focus on adventure activities, with the aim of identifying whether such activities are the reason people travel to the park to visit it. After identifying each activity, the relevant factors of each one were discussed, such as concepts, equipment, the way they are practiced and their importance from the point of view of the visitors. Considering the influence of do Parque Estadual de Vila Velha as a tourist attraction in the region, a field survey was carried out where several visitors were randomly approached to answer a questionnaire shortly after the visit was completed. The survey lasted five days and it was possible to collect one hundred responses, which obtained the result of the objective proposed by the work, presenting the main reason for the flow of visitors to the PEVV.

Keywords: Adventure tourism. Adventure activities. Parque Estadual de Vila Velha - PR.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do PEVV.....	22
Figura 2 - Arenito no formato de Taça no PEVV	24
Figura 3 – Localização das atrações no interior do PEVV.....	27
Figura 4 - Parte dos Arenitos visto de cima.....	28
Figura 5 - Furnas 1 e 2.....	29
Figura 6 - Lagoa Dourada vista de cima.....	29
Figura 7 - Trecho da trilha	30
Figura 8 - Vista da caminhada noturna.....	30
Figura 9 - Ônibus trafegando dentro do PEVV para o deslocamento dos visitantes .	31
Figura 10 - Alguns dos obstáculos no percurso de arvorismo do PEVV	33
Figura 11 - Obstáculo do arvorismo visto por baixo no momento em que o visitante está atravessando.....	35
Figura 12 - Balão estacionário no PEVV	38
Figura 13 - Vista do fogo dentro do balão	40
Figura 14 - Parte do trecho do cicloturismo no PEVV	41
Figura 15 - Arenitos ao fundo da rota do cicloturismo no PEVV.....	42
Figura 16 - Cicloturismo realizado em grupo no PEVV	43
Figura 17 - Estrutura de acesso na tirolesa do PEVV	44
Figura 18 - Visitantes preparados para a descida utilizando os EPI's.....	45
Figura 19 - Tirolesa vista por baixo	46
Figura 20 - Descida individual	47
Figura 21 - Descida com dois visitantes ao mesmo tempo	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Motivo de visitar novamente o PEVV.....	48
Gráfico 2 - Dados sobre as idades dos visitantes	49
Gráfico 3 - Razão para realizar a visita no PEVV	49
Gráfico 4 - Meios por quais os visitantes obtiveram conhecimento da existência do parque	50
Gráfico 5 - Promoções que mais atraem de acordo com os visitantes.....	51
Gráfico 6 - Meios por quais os visitantes obtiveram conhecimento das atividades de aventura no PEVV.....	51
Gráfico 7 - Dados dos visitantes que praticaram cada atividade do PEVV	52
Gráfico 8 - Avaliação dos visitantes ao PEVV	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definição e característica das modalidades de aventura no segmento do turismo.....	17
Quadro 2 - Atividades de aventura representadas pela ABETA.....	20
Quadro 3 - Atividades de aventura listadas pelo Ministério do Turismo	21
Quadro 4 - Estados e municípios que residem os visitantes abordados durante a visita	53
Quadro 5 - Produtos e atrações sugeridos pelos visitantes	54
Quadro 6 - Sugestões e críticas deixadas pelos visitantes	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABB	Associação Brasileira de Balonismo
ABETA	Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANAC	Agência Nacional de Aviação Civil
CBB	Confederação Brasileira de Balonismo
CE	Comissão Europeia
ESEC	Estação Ecológica
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
FAI	Federação Aeronáutica Internacional
INMETRO	Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial
IAT	Instituto Água e Terra
MTUR	Ministério do Turismo
MN	Monumento Natural
PARNA	Parque Nacional
PEVV	Parque Estadual de Vila Velha
PMPG	Prefeitura Municipal de Ponta Grossa
REBIO	Reserva Biológica
RVS	Refúgio da Vida Silvestre
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
UC	Unidade de Conservação
UIAA	<i>Union Internationale des Associations d'Alpinisme.</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	14
3 TURISMO DE AVENTURA	16
3.1 SEGURANÇA NO TURISMO DE AVENTURA	18
4 ATIVIDADES DE AVENTURA	20
5 PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA (PEVV)	22
5.1 TOMBAMENTO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA	25
5.2 CONCESSÃO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA	25
5.3 INFRAESTRUTURA DO PARQUE ESTADUAL VILA VELHA	27
6 ATIVIDADES DE AVENTURA DO PEVV	32
6.1 ARVORISMO	32
6.1.2 ARVORISMO NO BRASIL	34
6.1.3 EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO DO ARVORISMO	35
6.1.4 CONDUTOR DE ARVORISMO	36
6.1.5 TIPOS DE ARVORISMO	36
6.2 BALONISMO	37
6.3 CICLOTURISMO	41
6.4 TIROLESA	43
6.4.1 TIPOS DE TIROLESA	46
7 RESULTADOS	48
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICES	62
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DO IAT PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA	63
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS VISITANTES DO PEVV	64

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que o turismo vem se tornando um importante fator responsável pelo crescimento da economia nacional. O turismo de aventura, não está associado exclusivamente às atividades radicais, ele é caracterizado por atividades procuradas por pessoas que gostam de adrenalina e diversão de uma maneira não competitiva, buscando a contemplação apenas como uma atividade em meio à natureza.

Quando essas atividades são oferecidas em um lugar onde o turismo já vem sendo desenvolvido, é preciso pensar não somente no impacto econômico, mas também em todo o processo de segurança, do impacto social, nos turistas e no próprio ambiente natural.

Dados apontam que essa modalidade é a segunda mais procurada por turistas no Paraná, totalizando 16,2% (Governo do Estado do Paraná, 2020). Não é a toa que vem se destacando e está em constante crescimento, possibilitando que muitas pessoas possam praticá-las.

Uma pesquisa envolvendo sessenta países, realizada pelo portal *US News & World*, em 2016 (MTUR, 2016), constatou que o Brasil está em primeiro lugar quando o assunto são atividades de aventura levando em consideração a diversão, o cenário e o clima do país. Na época, o então Ministro do Turismo, Henrique Eduardo Alves, destacou que a natureza e o ecoturismo estavam em segundo lugar dentre os segmentos que mais atraíam turistas estrangeiros ao Brasil e afirmou que o país tem potencialidade para se destacar cada vez mais. Além das características apontadas, o Brasil se destaca também na questão da segurança e das normas em ecoturismo e turismo de aventura, tendo acreditação do Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro). Tais normas são tão efetivas, que se tornaram inspiração para outras em diversas partes do mundo (MTUR, 2016).

Visto o potencial brasileiro neste segmento, o Parque Estadual de Vila Velha (PEVV), localizado no município de Ponta Grossa, Paraná, atrai milhares de visitantes todos os anos, principalmente por suas formações rochosas formadas há milhões de anos. No entanto, em 2020, o parque recebeu uma concessão onde diferentes atividades foram inseridas, diversificando suas atrações e trazendo diferentes tipos de turistas.

Tendo uma ampla multiplicidade de atividades de aventura existentes, o presente trabalho dará maior foco às atividades que o PEVV fornece em seu interior e notaremos que algumas atividades representadas pela Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA) são propostas pela Soul Parques, empresa responsável pela administração do PEVV, para ampliarem os atrativos do parque no futuro.

Este trabalho buscará apresentar se as características naturais do PEVV, principalmente a “Taça”, ícone da região e um dos principais atrativos no Paraná, permanece sendo o principal motivo das diversas visitas que o parque recebe diariamente, ou, se a inclusão desses novos atrativos de aventura tornou-se a preferência dos turistas.

Tendo isso em vista, o problema proposto pela pesquisa é analisar se as atividades de aventura - arvorismo, balonismo, cicloturismo e tirolesa – são os atrativos responsáveis por atrair a maior parte de visitantes no Parque Estadual de Vila Velha? A resposta chegará através do objetivo geral: Identificar qual atração é responsável por motivar a maior parte dos visitantes a visitarem o parque. Dado o objetivo geral, os objetivos específicos da pesquisa são:

- I. Identificar e definir o conceito das atividades de aventura existentes atualmente no PEVV.
- II. Analisar se as atividades eram de conhecimento dos visitantes antes da chegada ao parque.
- III. Identificar o motivo da visita dos visitantes ao PEVV.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de âmbito exploratória, visto que, de acordo com Gil (2002, p. 41), o objetivo da pesquisa exploratória é obter maior familiaridade com o problema, visando melhor compreendê-lo, assim como constituir hipóteses. Possui caráter quantitativo, já que conforme Richardson (1999) a pesquisa quantitativa se caracteriza pela quantificação de coleta de informações e relata as informações através de técnicas estatísticas.

A coleta de dados foi efetuada através de pesquisas de campo realizadas nos dias 01, 03, 09, 16 e 30 de outubro, acompanhada de um questionário aplicado aos visitantes.

O questionário foi aplicado pelo autor da pesquisa na área da recepção do PEVV, porém apenas no momento em que os visitantes retornavam dos atrativos, ou seja, quando já havia sido finalizada a visita, passando pelos Arenitos, Lagoa Dourada, Furnas e as atividades de arvorismo, balonismo, cicloturismo e tirolesa. Importante ressaltar que nem sempre a visita é efetuada nessa sequência e nem todos os visitantes realizaram todas as atividades, inclusive as de aventura.

Os visitantes abordados foram escolhidos de maneira aleatória e só iniciava a pesquisa após os mesmos confirmarem através da autorização localizada no início do questionário. Grupos de escolas, empresas e afins não eram abordados pelo motivo de que estavam lá por outro propósito. Infelizmente não era possível fazer a pesquisa com cada visitante que retornava para a recepção, por conta do tempo e pelo motivo de que enquanto os entrevistados respondiam alguns dos outros visitantes já deixavam o parque.

Para o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente foi apresentado de maneira teórica as modalidades de atividades de aventura existentes no PEVV, assim como seus conceitos e características. Buscou-se também explicar brevemente a diferença entre essas atividades e outras atividades relacionadas à natureza.

Ao todo, foram cento e trinta e quatro visitantes, sendo cem adultos acima de dezoito anos e trinta e quatro menores de idade. Apenas as respostas dos visitantes acima dos dezoito anos foram contabilizadas, já que quando questionados respondiam que os eram os responsáveis pela decisão da visita. O resultado da pesquisa contou com 100 (cem) respostas, sendo possível descobrir se as

atividades inseridas em 2020 no PEVV são o motivo de atrair a maior parte dos visitantes, podendo assim, compreender se o parque está se modificando ou não para o âmbito da aventura.

O questionário utilizado para a pesquisa está em Apêndice B, p. 60, de forma com que as questões número 02, 04, 05, 06, 07, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26 e 27 foram inseridas visando uma pesquisa para o próprio parque, com o intuito de se obter dos visitantes a satisfação, sugestões de melhorias entre outras curiosidades.

3 TURISMO DE AVENTURA

A palavra aventura vem do latim *adventura* e é entendida como aquilo que ainda não aconteceu, ou seja, algo que está por vir, algo novo (MTUR, 2010, p.15). Tal segmento começa a se fortalecer mesmo que lentamente, na década de 1980, após grupos de pessoas espalhadas pelo mundo todo começarem a praticá-las em meio à natureza (MTUR, 2010). Durante a década de 1990 foram criados os primeiros equipamentos de proteção para as práticas dessas atividades, no Brasil. Entre esses equipamentos estavam os capacetes e as cordas. Quase na virada do século, em 1999, foi organizada uma feira denominada *Adventure Sports Fair*, sendo a pioneira neste segmento do turismo e tendo como objetivo promover e divulgar tais atividades (MTUR, 2010).

Inicialmente, o turismo de aventura era relacionado ao ecoturismo. No entanto, conforme o constante crescimento e evolução das diferentes atividades passaram a criar características próprias, tanto estruturais quanto mercadológicas. “[...] O que hoje se denomina Turismo de Aventura nada mais era do que uma forma prazerosa de estar em contato com a natureza, mesmo em um tempo em que esse tipo de atividade poderia ser visto com certo estranhamento por alguns setores da sociedade” (MTUR, 2010, p.13).

Buckley e Uvinha (2011) acreditam que não existe uma definição oficial para o termo turismo de aventura. Os autores justificam alegando que qualquer ato que o turista considere como algo de aventura pode ser considerado turismo de aventura. Porém, isso varia de acordo com cada pessoa, já que enquanto uma pode considerar algo aventureiro, outra pode não ter a mesma percepção.

De acordo com o Ministério do Turismo (2006), existe uma relação muito próxima entre esportes radicais, esportes de aventura, turismo de aventura e ecoturismo, principalmente pelo fato desses serem praticados na maioria das vezes em meio à natureza. Porém, apesar dessa relação em comum, o quadro a seguir apresenta a diferença entre essas atividades, demonstrando diferentes conceitos e o modo como são praticadas.

Quadro 1 - Definição e característica das modalidades de aventura no segmento do turismo

Modalidades de aventura	Definições/características
Atividades de Aventura	São formais ou informais e oferecem riscos calculados. Essa tipologia possui envolvimento com diversos ambientes da natureza, podendo ser praticadas no ar, água, neve, gelo e na terra. Embora não possua o mesmo risco das radicais, esta não descarta o uso correto dos equipamentos, do apoio profissional e dos cuidados e respeito com o meio ambiente.
Atividades Radicais	Oferecem uma prática formal ou informal, seus praticantes buscam por emoções e por ser uma atividade voltada à radicalidade, acabam obtendo alguns riscos por conta das manobras ousadas, mas que de certa forma calculadas. São atividades praticadas em diversos tipos de ambientes, apoiadas por profissionais, uso correto de equipamentos e respeito ao meio ambiente.
Turismo de Aventura	"Compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo" (MTUR, 2006, p. 39). É um segmento voltado para pessoas que não possuem aptidão ou experiências no esporte. Por esse fato, indica-se a condução e o acompanhamento de profissionais para os praticantes.
Ecoturismo	Atividades que buscam de forma sustentável suas práticas. Tem como finalidade a conservação dos patrimônios naturais e culturais, requer o bem estar das pessoas, assim como uma consciência ambientalista. O fato de esses segmentos serem atividades turísticas praticadas em meio à natureza acaba, muitas vezes, confundindo com o Turismo de Esportes na Natureza. Este nicho, diga-se de passagem, está relacionado com os esportes no âmbito da competição, podendo ser de aventura ou não.

Fonte: Adaptado de Ministério do Turismo, 2006.

Em relação às Atividades de Aventura, elas são “aquelas oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos” (MTUR, 2005, p. 9). Apesar deste segmento possuir potencial para ser realizado em diferentes ambientes, em sua maior parte é realizada ao ar livre, principalmente em locais naturais, adotando assim, uma geografia própria (BUCKLEY; UVINHA, 2011).

No turismo, tais atividades são realizadas de modo a se obter sensações de liberdade, contemplação, desafios leves e como algo não competitivo, levando em consideração os prazeres da recreação, podendo ser realizada em ambientes

naturais, rural, urbano, áreas protegidas, entre outros. A intensidade dos desafios varia de acordo com cada praticante levando em consideração questões físicas e/ou psicológicas. As modalidades de aventura podem ser de responsabilidade total ou individual de cada um que a pratica, ou seja, quando são praticadas sem um prestador desses serviços, em contrapartida, quando o praticante às realiza através de uma empresa, denomina-se “responsabilidade solidária” (MTUR, 2006).

Trata-se hoje, de uma aventura eivada de sentidos lúdicos, uma vez que a atitude dos sujeitos que vivem a aventura no esporte é tomada por um risco calculado, no qual ousam jogar a si mesmos com a confiança do domínio cada vez maior da técnica e da segurança propiciada pela tecnologia (COSTA, 2000, p. 10).

O Ministério do Turismo (2006) relata que a existência do turismo de aventura não se dá apenas pela prática dos esportes em meio à natureza, conta também com movimentos turísticos, tais como hospedagem, alimentação, transporte, recepção e condução de turistas, recreação e entretenimento, operação e agenciamento, além de outros fatores que se adentram ao mercado em prol do turismo. Esses movimentos fazem com que a realização do Turismo de Aventura aconteça, logo, as atividades de aventura também são turísticas.

3.1 SEGURANÇA NO TURISMO DE AVENTURA

Como observado anteriormente, o fator físico e psicológico de cada pessoa vai determinar o nível de intensidade dos desafios propostos por cada atividade de aventura. Sabendo disso, a maneira com que serão realizadas as normas, regulamentos, certificações, entre outras questões que visam à segurança deve ser particular em cada modalidade.

O Sistema de Gestão de Segurança do Turismo de Aventura conta com algumas normas técnicas de modo a evitar acidentes levando em consideração os riscos das atividades realizadas, os equipamentos de segurança, a manutenção constante nos veículos e nos equipamentos de segurança, o treinamento e capacitação do profissional, conhecimento de primeiros-socorros em caso de emergência, conhecimento da localização dos hospitais mais próximos, recursos de comunicação, avisos que indiquem sobre animais peçonhentos e atenção nas alterações climáticas como trombas d'água, chuvas e ventos fortes, entre outros.

Frente às diversas possibilidades que podem levar riscos à segurança do turista, a ABETA (2009) em conjunto com o Ministério do Turismo (2009) apontam que existem alguns procedimentos que podem ser utilizados como um plano de contingência, sendo planejado através de responsabilidades, ações e recursos quando há riscos de acidentes leves ou moderados ou em casos de emergência. No primeiro caso, é importante planejar antecipadamente rotas de fuga, ter acesso ao resgate, conhecer a localização do hospital mais próximo e contar com veículos alternativos. Já o procedimento de emergência é planejado através de responsabilidade, ações e recursos quando ocorrem situações como lesões, doenças e até morte.

O modo como a segurança é estabelecida nas atividades varia de acordo com a modalidade, ou seja, depende de qual será praticada, os itens de segurança e os recursos a ser adotados em possíveis acidentes precisam adequar-se a ela, variando conforme o nível de dificuldade e onde está inserida. Isso se dá pela vasta quantidade de atividades de aventura (ABETA; MTUR, 2009).

4 ATIVIDADES DE AVENTURA

As Atividades de Aventura vêm crescendo constantemente, mas foi a partir da década de 1980 que esse conceito ganhou força, tendo mais procura e recebendo mais atenção das pessoas (MTUR, 2010).

Como mencionado anteriormente, existe diferença entre as atividades de aventura e atividades radicais. De acordo com a ABETA (2022), as modalidades de atividades de aventura dividem-se em três grupos, sendo eles os elementos da natureza terra, água e ar, podendo ser realizadas em ambientes abertos, fechados, naturais e construídos dependendo do caso. As atividades representadas pela ABETA (2022) são apresentadas no Quadro 2:

Quadro 2 - Atividades de aventura representadas pela ABETA

TERRA	ÁGUA	AR
Arvorismo	Acquaride / Bóia-Cross	Balonismo
Cachoeirismo	Canoagem	
Canionismo	Flutuação	
Caminhada	<i>Kitesurfe</i>	
Caminhada	Mergulho	
Cicloturismo	<i>Rafting</i>	
Escalada	<i>Stand Up Paddle</i>	
Espeleoturismo	Surfe	
Observação da Vida Silvestre	<i>Windsurfe</i>	
Quadriciclo		
Rapel		
Tirolesa		
<i>Tree Climbing</i>		
Turismo Equestre		
Turismo fora-de-estrada com 4x4 / Bugues		

Fonte: Adaptado de ABETA (2022).

Da mesma forma que a ABETA (2022), o Ministério do Turismo (2022) também divide as atividades de aventura nos elementos citados anteriormente, porém, o órgão abrange um número maior de atividades, como apresenta o Quadro 3:

Quadro 3 - Atividades de aventura listadas pelo Ministério do Turismo

TERRA	ÁGUA	AR
Arvorismo	Bóia Cross	Asa Delta
Atividades Ciclísticas	Canoagem	Balonismo
Atividades em Cavernas	Mergulho	Parapente
Atividades Equestres	Rafting	Paraquedismo
Atividades fora de Estrada		Ultraleve
<i>Bungue Jump</i>		
Cachoeirismo		
Canionismo		
Caminhadas		
Escalada		
Montanhismo		
Rapel		
Tirolesa		

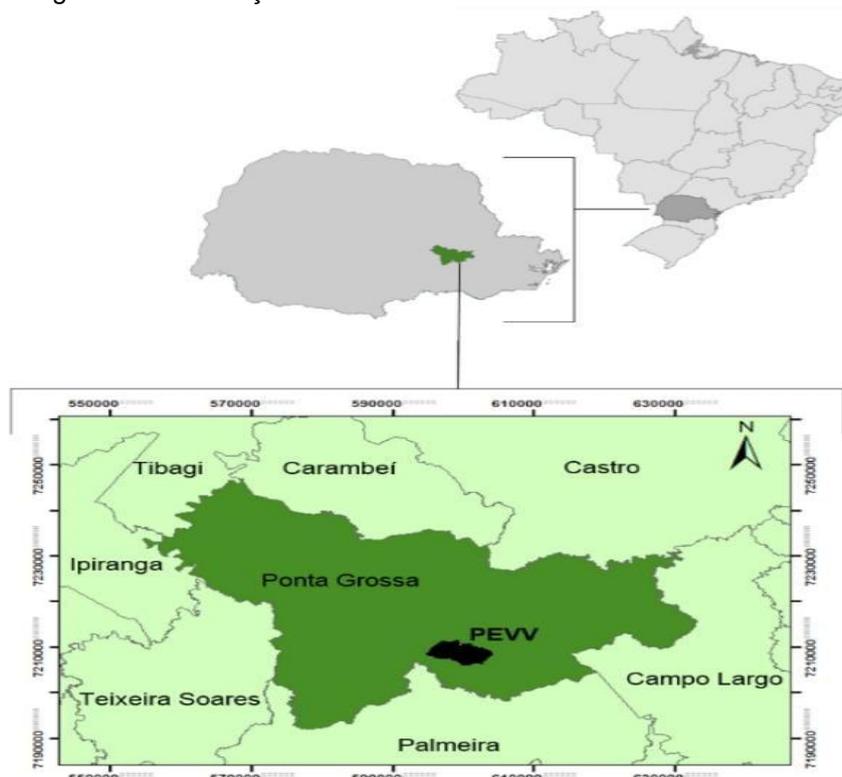
Fonte: Adaptado de Ministério do Turismo (2006).

Diversos locais turísticos incluíram algumas dessas atividades em suas instalações, visando disponibilizar mais atrativos e aumentar seu fluxo turístico, já que qualquer pessoa pode praticá-las desde que possuam idade, peso ou altura nas modalidades em que ocorre essa exigência. É possível que pessoas com deficiência possam praticar devido à acessibilidade que muitos locais estão adotando, porém, não são todas que possibilitam tal critério. Considera-se esses esportes como atividades não competitivas realizadas na presença da natureza e na maioria das vezes as pessoas buscam por aventura, diversão, contemplação e contam com a existência dos riscos físicos, já que muitas vezes envolvem altura, velocidade, água, entre outros, portanto, requer um controle emocional de seus praticantes (MTUR, 2006). “Um turista de aventura simplesmente participa de uma atividade de aventura, ou seja, cujo propósito principal é a emoção” (BUCKLEY; UVINHA, 2011).

5 PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA (PEVV)

Localizado no município de Ponta Grossa, Paraná, o PEVV possui uma área total de 3.122,11 ha e seu principal acesso se dá pela rodovia BR-376 “entre as coordenadas 25°12’34 e 25°15’35” de latitude S, 49°58’04 e 50°03’37” com uma altitude máxima de 1068m nomeado Fortaleza” (IAT, 2022, p.1). Conforme Kovalsyki (2016) a localização do PEVV é apresentada na Figura 01:

Figura 1 - Localização do PEVV



Fonte: Kovalsyki, 2016.

Existe em seu entorno uma espécie de faixa que tem como intuito impedir consequências negativas que possam afetar o parque, ou seja, possíveis impactos negativos são minimizados através dessa intitulada zona de amortecimento que engloba uma área de 38.112 ha (IAT, 2022, p.1).

Conforme o Instituto Água e Terra (2022) o PEVV é uma Unidade de Conservação (UC). Para melhor entendermos, no ano 2000, após doze anos de revisões e discussões sobre o sistema nacional de áreas protegidas, foi aprovada a lei que estabeleceu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC). Segundo esse sistema, o intuito das áreas protegidas é preservar os ecossistemas, a diversidade genética, biológica e de espécies ameaçadas, proteger as paisagens e características geológicas, geomorfológica, espeleológica,

arqueológica, paleontológica e cultural que sejam relevantes (BRASIL, 2000). No entanto, pesquisas, educação ambiental e ações que visem a economia regional também são fatores que podemos aproveitar positivamente das UCs (MOREIRA; ROCHA, 2007).

De acordo com o SNUC (2000), as Unidades de Conservação são definidas sendo:

Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias de proteção (BRASIL, 2000).

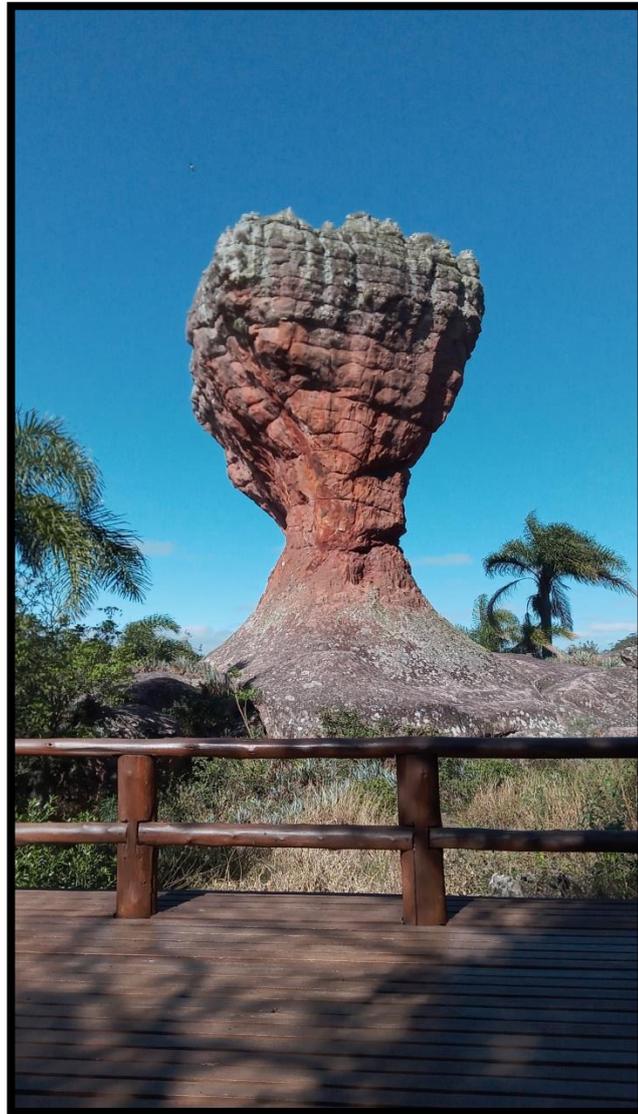
É necessário que toda Unidade de Conservação possua um documento técnico que estabeleça seus objetivos, zoneamento, zona de amortecimento, corredores ecológicos, normas do uso do local e sua estrutura física, sendo este documento denominado Plano de Manejo. Devido aos variados objetivos propostos pela SNUC, as Unidades de Conservação são divididas em dois grupos denominados categorias de manejo, Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável, com cada categoria propondo diferentes objetivos (MOREIRA; ROCHA, 2007).

O PEVV faz parte das Unidades de Conservação de Proteção Integral (IAT, 2022). Conforme Moreira e Rocha (2007, p. 202), esse grupo de UC tem como principal finalidade a conservação da natureza, ou seja, restringe a exploração dos meios naturais, permitindo apenas seu aproveitamento indireto como as atividades de pesquisa e educação ambiental, por exemplo. Nas Unidades de Proteção Integral que sejam parques como é o caso do PEVV, é possível realizar turismo e recreação na natureza. Fazem parte deste grupo os Parques Nacionais (PARNA), Reserva Biológica (REBIO), Estação Ecológica (EE), Monumento Natural (MN) e Refúgio da Vida Silvestre (RVS).

Segundo o IAT (2022) o plano de manejo do parque criado no ano de 2000 aponta que Vila Velha passou por diferentes processos até a formação daquilo que existe hoje. Pode-se dizer que sua origem data de mais de 400 milhões de anos quando o local ainda era coberto pelo oceano e durante esse período houve a formação das furnas. Aproximadamente 280 milhões de anos houve a era glacial que conseqüentemente cobriu toda essa região citada, porém, ao longo do tempo, as areias existentes durante o período dos oceanos e partes das rochas foram

sendo arrastadas com o derretimento dessas geleiras. Dessa forma, após milhões de anos esse lento processo foi o responsável por criar esse fenômeno natural denominado Vila Velha.

Figura 2 - Arenito no formato de Taça no PEVV



Fonte: Autor, 2022.

Considerado um dos principais atrativos turísticos da região dos Campos Gerais, o PEVV foi o primeiro Parque Estadual do Paraná criado pela Lei nº 1292 em 12 de outubro de 1953 e foi tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Estadual desde o dia 18 de janeiro de 1966 (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2022).

5.1 TOMBAMENTO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA

O tombamento que ocorreu sob o processo nº 05, Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, englobou no conjunto Vila Velha os Arenitos, as Furnas e a Lagoa Dourada e foi descrito da maneira a seguir:

A área envolvida no Parque Estadual de Vila Velha, situa-se no Município de Ponta Grossa, segundo planalto paranaense, região de campo aberto, denominado de Campos Gerais. Está aproximadamente a uma distância de 20 Km a sudoeste do centro urbano municipal e a 80 Km da capital do Estado, Curitiba. Está representada pelas folhas topográficas denominadas Ponta Grossa, Itaiacoca, Palmeiras e Colônia Quero-Quero, levantadas pelo Serviço Geográfico do Exército e publicada em escala 1: 50.000, nos anos de 1957 e 1980. Sob as coordenadas geográficas, 25°14'09" de latitude sul e 50°00'17" de longitude oeste, sua superfície aproximada é de 3.122 hectares e subdivide-se em: 425 ha (Prefeitura Municipal de Ponta Grossa), 1.344 ha (Instituto de Terras e Cartografias e Florestas) e 1.353 ha (IAPAR – Fundação Instituto Agrônômico do Paraná). Suas características são: PMPG – porções que englobam os Arenitos, as Furnas e a Lagoa Dourada, interesse turístico; IAPAR – engloba a Estação Experimental, onde são desenvolvidas atividades científicas voltadas à agricultura e silvicultura; ITCF – áreas de campo e capões envolvendo a Fortaleza (formação geológica). Disposta no seu eixo maior, sentido Leste – Oeste, cerca de 96 Km, tem como limite na sua porção ocidental a propriedade de Hans Moon. Na extremidade oriental tem como limite natural, um dos afluentes do Rio Guabiroba e as propriedades de João Braga. O seu eixo menor (Norte - Sul) mede aproximadamente 4,8 Km. A sua porção setentrional (Fortaleza) limita com as propriedades (no sentido leste – oeste) de João Braga e Jorge Demiate. Sua porção meridional tem limite natural o Rio Guabiroba e as propriedades (sentido leste – oeste) de Adolfo de Oliveira e Placas do Paraná. (IAT, 2022, p.8 e 9).

O processo de tombamento visou não somente preservar e conservar as características naturais que o parque oferece, tais como a Lagoa Dourada e os arenitos que já existem a mais de 100 milhões de anos, mas também a rara paisagem que milhares de pessoas apreciam até hoje. Em suma, o tombamento trouxe de fato aquilo que a comunidade já acreditava:

Preservar essas belezas para que outros homens as desfrutassem; preservá-las para que a humanidade aprenda que nem tudo é imediato, que é preciso atuar em conjunto e com paciência para que a vida seja melhor e mais solidária. São lições que Vila Velha nos dá (IAT, 2022, p.12).

5.2 CONCESSÃO DO PARQUE ESTADUAL DE VILA VELHA

Quase sete décadas após a criação do parque, a empresa Soul Vila Velha, do grupo Soul Parques, passou a ser a concessionária depois de ter vencido a disputa do contrato de concessão no ano de 2020. Importante ressaltar que a proposta foi a

mais vantajosa e será benéfica tanto para o parque quanto para o Estado, visto que a empresa informou que iria investir na estrutura mais de R\$ 15 milhões repassando 15,2% da receita bruta ao governo (IAT, 2020).

A Soul Parques assinou um contrato que terá um prazo de trinta anos e irá investir em diversas atividades de recreação que visam atrair maior visitação e também no turismo sustentável. O contrato de concessão foi assinado pelo atual governador do Paraná, Ratinho Junior, e durante a assinatura declarou em seu discurso o seguinte:

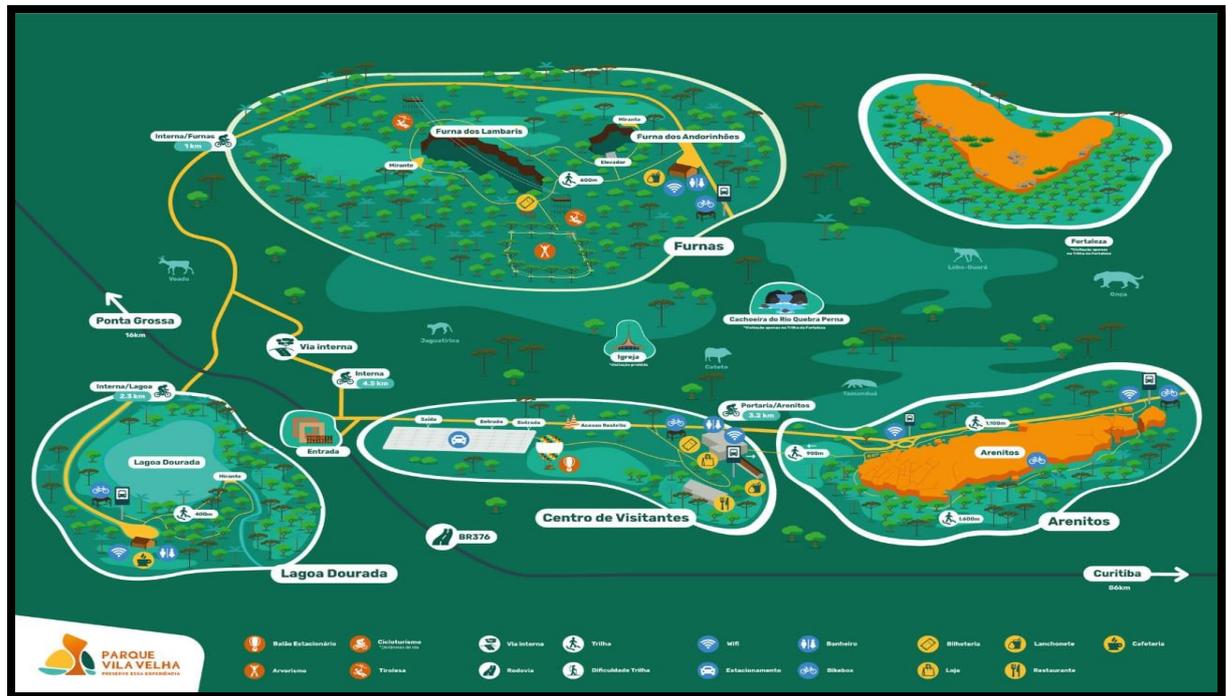
Estamos colocando Vila Velha entre os destinos mais importantes do mundo. A iniciativa privada fará o investimento em infraestrutura, com a participação do Estado na gestão ambiental. Este modelo faz de Ponta Grossa um modelo [...] é um passo gigante em prol do turismo, nos moldes da gestão das Cataratas do Iguaçu, que bate recordes de visitantes todos os anos [...] Vila Velha precisa dar esse salto. Turismo é o deslocamento de Produto Interno Bruto para o nosso Estado. Estamos criando um ambiente mais organizado para os atrativos do Paraná¹.

Apesar da administração da gestão do parque ser de responsabilidade da empresa Soul Parques, o IAT permanece como órgão responsável pela administração das políticas públicas, pela gestão do contrato e pela conservação da biodiversidade da Soul Vila Velha.

¹ Carlos Roberto Massa Junior, Governador do Estado do Paraná, declarando em seu discurso sobre a concessão do Parque Vila Velha que passou a ser administrada pela empresa Soul Parques.

A figura abaixo apresenta como o PEVV está distribuído:

Figura 3 – Localização das atrações no interior do PEVV



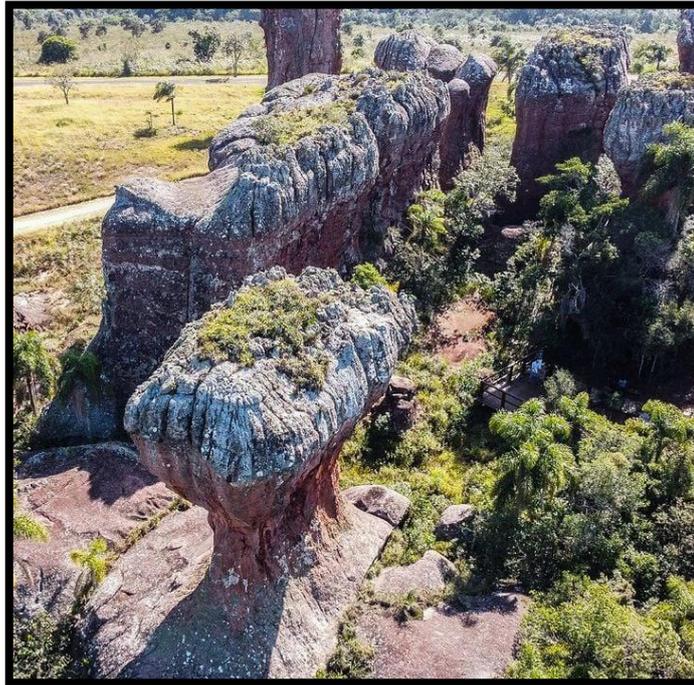
Fonte: PEVV, 2022.

Algumas atividades de aventura propostas são balonismo, arvorismo, tirolesa, *mountain bike*, caiaque, *stand up paddle*, pedalinho e *snorkeling*. Deverá investir também na infraestrutura do parque e em novas estruturas como lanchonete, centro interativo, loja de conveniência, contemplação das fendas através de novos mirantes, elementos de interpretação e sinalização, entre outros. Além dos atrativos e do investimento na infraestrutura, a empresa concessionária pretende criar também sistemas de hospedagem como camping, glamping e motorhome, além de oferecer bicicletas elétricas e não elétricas para aluguel aos turistas (IAT, 2020).

5.3 INFRAESTRUTURA DO PARQUE ESTADUAL VILA VELHA

A infraestrutura do PEVV conta com recepção, restaurante, banheiros, estacionamento, transporte próprio que trafegam no interior do parque, além da ampla diversidade de atrativos como as atividades de aventura e aquilo que o tornou um ambiente histórico, os Arenitos, Furnas e a Lagoa Dourada (PMPG, 2022). Diante de tudo isso, o PEVV conta com a conectividade da natureza através da contemplação, das trilhas e das periódicas caminhadas noturnas que o mesmo oferece. As imagens a seguir apresentam algumas das atrações:

Figura 4 - Parte dos Arenitos visto de cima



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

Figura 5 - Furnas 1 e 2



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

Figura 6 - Lagoa Dourada vista de cima



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

Figura 7 - Trecho da trilha



Fonte: Instagram do PEVV, 2020.

Figura 8 - Vista da caminhada noturna



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

O ponto de partida aos atrativos ocorre em frente à recepção e o transporte é feito através de um ônibus comum ou do ônibus que não possui janelas, denominado jardineira (PEVV, 2022) como demonstrado na figura 9:

Figura 9 - Ônibus trafegando dentro do PEVV para o deslocamento dos visitantes



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

É possível também realizar o *driving experience*, sistema que permite o turista de realizar o passeio com o próprio veículo sendo de duas ou quatro rodas. Esse sistema reúne comboios de 8 a 20 veículos e é guiado por um monitor. São permitidos apenas carros, motos, automóveis 4x4 e camionetes. O turista pode optar também pelo passeio vip, serviço que oferece uma van exclusiva para grupos de até 14 pessoas (PEVV, 2022).

6 ATIVIDADES DE AVENTURA DO PEVV

Após a concessão do PEVV em 2020, algumas atividades de aventura foram inseridas em seu interior. As atividades referidas são – arvorismo, balonismo, cicloturismo e tirolesa - e contam com definições e características próprias que serão apresentadas a seguir.

6.1 ARVORISMO

O arvorismo é entendido como “locomoção por percursos em altura instalados em árvores ou em outras estruturas” (ABETA, 2022). É uma atividade onde o praticante faz travessias de plataformas montadas no alto das árvores podendo ser realizada por várias pessoas ao mesmo tempo. Por ser um fator relevante para a realização da atividade, a altura mínima adotada pela maioria dos locais que oferecem a atratividade é de 1m45cm. Altura inferior a essa passa a ser de percurso infantil que crianças a partir dos três anos de idade já podem praticar, com itens adequados e condutores com qualificação de acordo com a categoria infantil, visto que as crianças geralmente não possuem noções de segurança. Para a realização completa do percurso de Arvorismo, o praticante irá passar por diferentes tipos de obstáculos, onde o mesmo deve estar ciente que cada obstáculo a seguir terá maior nível de dificuldade em relação ao anterior. Por essa questão, o arvorismo permite que o praticante seja o próprio criador de sua aventura, já que além de evoluir seu nível de dificuldade, ele não será conduzido por outros meios que não sejam suas habilidades (ABETA; MTUR, 2009).

Figura 10 - Alguns dos obstáculos no percurso de arvorismo do PEVV



Fonte: Adaptado de Instagram do PEVV, 2022.

Na concepção de Oliveira (2012) o arvorismo:

Consiste na escalada de árvores para fins diversos, valendo-se de técnicas e equipamentos específicos. Embora compartilhe técnicas e equipamentos com a escalada em rocha, muro artificial, montanhismo, espeleologia e diversos trabalhos de manutenção, o arvorismo possui uma série de especificidades, cujo domínio é essencial para o trabalho seguro e eficiente nas copas. (OLIVEIRA, 2012, p. 89)

Os itens que compõe a montagem do percurso do arvorismo são falsas baianas, cordas, pontes suspensas e plataformas de madeiras fixadas nas árvores. Alguns lugares adotam a tirolesa como um dos obstáculos presentes no arvorismo. A realização dessa atividade de aventura proporciona ao praticante apreciação à fauna e à flora e integração com o meio natural (PORTAL SÃO FRANCISCO, 2016).

Pode-se dizer que o modo com que o arvorismo é praticado hoje com técnicas de segurança adequada surgiu na década de 1980, sendo a evolução e a junção de atividades como escalada em árvores, tirolesas, circuito de cordas usado em treinamento militar, entre outras. Essa modalidade foi desenvolvida inicialmente de maneira significativa em três países - Costa Rica, Estados Unidos e França - e apesar de possuir nomes e características diferentes em cada país, o desafio e o prazer são fatores em comum quando praticado. Na Costa Rica, a atividade recebeu o nome de *canopy bridge tour* (ABETA; MTUR, 2009) e originou-se quando

cientistas realizavam pesquisas que necessitavam observar e coletarem animais silvestres, frutos, fungos, folhas, entre outros. Porém, encontravam-se apenas nos altos das árvores e para que não fosse necessário subir e descer constantemente, os cientistas passaram a utilizar cordas, cadeirinhas, mosquetões, polias, entre outros equipamentos, criando assim facilidade e praticidade para realizar as pesquisas.

Alguns cientistas criaram plataformas de madeira entre as árvores sendo possível pernoitar e passar o tempo necessário para observar as espécies. (MUNICÍPIO DE MAFRA, 2014). Acreditava-se que no alto das árvores se concentravam torno de 75% das espécies da floresta tropical úmida, surgindo, então, a necessidade da instalação das plataformas em uma altura de, no mínimo, vinte metros.

Nos Estados Unidos a atividade surge como *challenge rope courses*, com os obstáculos de cordas ou cabos de aço colocados entre plataformas e instalados na altura através de postes de madeiras ou colunas metálicas. Na década de 1990, já se percebia um potencial turístico e de lazer na atividade e então evolui de *challenge rope courses* para *tree ropes course* (ABETA; MTUR, 2009).

Já na França, o arvorismo recebe o nome de *parcours d'aventure*. Atualmente pode ser encontrado facilmente por todo o país, visto que lá existe uma forte tradição de atividades verticais e foi onde a atividade tornou-se um importante produto de turismo de aventura. (ABETA; MTUR, 2009).

6.1.2 ARVORISMO NO BRASIL

No final da década de 1990 surgem os primeiros registros da atividade no Brasil, porém, utilizada na maioria das vezes para treinamento empresarial. Pouco mais tarde, mais precisamente em 2001, no município de Brotas, São Paulo, é que é registrado pela operadora Alaya Expedições o primeiro percurso de arvorismo como turismo de aventura, utilizando técnicas de segurança adequada, denominado verticália. Na mesma época, na região de Ilhéus, Bahia é construída uma passarela de Arvorismo contemplativo no Eco Parque da Uma. Logo em seguida, na região de Bertioga, São Paulo é registrado um percurso contemplativo no Parque das Neblinas, sendo importantes meios de observação e contemplação das matas e ecossistemas. Mais tarde, em 2005, são criados percursos em ambientes fechados para eventos, geralmente instalados em shoppings centers. O sucesso da atividade

no Brasil foi tão expressivo que atualmente podem ser encontrados diversos percursos de arvorismo em todo o país, sejam em eventos, resorts ou parques (ABETA; MTUR, 2009).

Figura 11 - Obstáculo do arvorismo visto por baixo no momento em que o visitante está atravessando



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

6.1.3 EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO DO ARVORISMO

O kit para a realização do arvorismo é composto pelo capacete e deve possuir regulagens na cabeça e na jugular; cadeirinha; autoseguro duplo, sendo feito em corda dinâmica de no mínimo 9mm; mosquetões com trava, de preferência automática; polia com roldana dupla; e o vagão, sistema que não permite que o praticante se desconecte da estrutura.

Para percursos infantis ou grande fluxo de praticantes, é inevitável a utilização do vagão, já que o item proporciona maior segurança. É necessário que os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) tenham certificação internacional da *Union Internationale des Associations d'Alpinisme* (UIAA) ou Comissão Européia (CE). Este último é utilizado pela maioria dos produtos comercializados na Europa e

indica que tal produto está de acordo com as normas de segurança, saúde e proteção ao meio ambiente. Sua relevância sobre a qualidade dos produtos pode ser comparada ao selo da Inmetro (PORTAL ALTA MONTANHA, 2021).

6.1.4 CONDUTOR DE ARVORISMO

Além das técnicas para atuar na atividade, o condutor precisa ter facilidade com trabalho em equipe, ser comunicativo, repassar informações necessárias e instruções de fácil entendimento, assim como incentivar seus praticantes, lidar com diversas situações como estresse, conhecer os EPI's que estão sendo utilizados e dominar técnicas para realizar resgates quando necessárias. O resgate ocorre quando o praticante necessita voltar ao chão, através de circunstâncias como desmaio, machucadura, desistência do percurso, entre outros. É indispensável que o local ofereça técnicas de treinamento de resgate ao condutor (ABETA; MTUR, 2009).

A qualificação do condutor é dividida em três categorias:

1. auxiliar ou estagiário, é primeira categoria dos condutores, não possui experiências e não assume nenhuma responsabilidade, apenas ajuda na operação e na maior parte do tempo dedica-se aos treinamentos;
2. condutor, categoria acima do auxiliar, mas que já possui papel importante na qualidade e segurança da atividade, visto que além de atender as pessoas ajuda a colocar os equipamentos, faz os procedimentos de segurança e passa as instruções;
3. por último, a categoria mais alta dos condutores é a especialista, possui maior experiência, coordena a operação e lidera a equipe dos condutores (ABETA; MTUR, 2009).

6.1.5 TIPOS DE ARVORISMO

De acordo com o Portal São Francisco (2016), atualmente existem três tipos diferentes de arvorismo, sendo:

- Arvorismo Contemplativo: é a modalidade mais recente existente e conta com passarelas, proteção lateral de redes e plataformas de parada. Conta com um

biólogo como guia que auxilia o praticante no contato com a natureza. O intuito dessa modalidade é a observação e apreciação da natureza, logo, seu nível de dificuldade é baixo e não requer equipamentos de segurança;

- Arvorismo Acrobático: modalidade bastante presente que consiste no entretenimento e apresenta graus de dificuldade na realização de seus obstáculos. É necessário equilíbrio e coordenação;
- Arvorismo Técnico: realizado por pessoas com maior experiência e que possuem equipamentos próprios. O objetivo dessa modalidade é subir e/ou fazer travessias entre as copas das árvores e é bastante utilizado por pesquisadores.

6.2 BALONISMO

O balonismo é uma atividade realizada através de um balão que requer material anti-inflamável e que seja aquecido através de gás propano. Sabendo que a atividade é de âmbito aéreo, é aconselhável uma altura de 330m para ser praticada, podendo chegar a 16 km de altura. O deslocamento é feito utilizando-se dos ventos, já a partida e o pouso são controlados pelo piloto do balão, conhecido também como balonista. Como toda atividade de aventura, esta também possui alguns riscos, portanto, cabe ao praticante estar ciente da qualificação e da experiência do condutor que estará operando (ABETA, 2022). As normas de voo de um balão são regidas pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) e para a prática de voos turísticos é necessário que o piloto possua registro de táxi-aéreo e certificação de equipamento (MTUR, 2022).

Figura 12 - Balão estacionário no PEVV



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

De acordo com a Confederação Brasileira de Balonismo (CBB) (2022) o primeiro indício de um balão ocorreu no ano de 1709 e foi realizado por um padre brasileiro denominado Bartholomeu de Gusmão. Na época, a apresentação foi frente ao então Rei João V de Portugal, mas infelizmente não houve sucesso devido ao incêndio causado no objeto após subir cerca de quatro metros, perdendo então sua credibilidade.

Alguns anos após a fracassada tentativa do padre brasileiro, mais precisamente em 1783, dois irmãos franceses denominados Etienne e Joseph Montgolfier realizaram um novo teste de balão, obtendo sucesso após o voo ocorrer perfeitamente frente ao Rei e toda população de Paris, ocorrendo de fato o surgimento do balão naquele ano (CBB, 2022).

No Brasil, o balonismo surge em 1970 após Victorio Truffi realizar o primeiro voo em Araraquara, São Paulo, e em 1987 o esporte é oficialmente regulamentado. A primeira Competição Nacional de Balonismo ocorre um ano mais tarde, em 1988, realizada pela Associação Brasileira de Balonismo (ABB) (CBB, 2022). Com o passar dos anos ocorreram diversas evoluções da atividade, fazendo com que atualmente ela seja considerada pela Federação Aeronáutica Internacional (FAI) como uma das mais seguras do mundo, oferecendo aos praticantes a contemplação

de uma vista num panorama de 360° (ESCOLA BRASILEIRA DE BALONISMO, 2022²).

A EBB (2022) aponta algumas curiosidades sobre o balão, sendo que:

- Sua medida possui aproximadamente 26m de altura;
- Além do piloto é possível levar mais três pessoas;
- É necessário que a velocidade dos ventos para um balão que possui formatos especiais não ultrapasse 15 km/h, já os de formato tradicional podem voar com ventos de até 25 km/h;
- Seu controle é realizado pela temperatura interna;
- Só é possível controlar o deslocamento na subida e na descida, já que o deslocamento horizontal varia conforme a direção do vento;
- Não é possível controlar com precisão a rota que o balão irá seguir, visto que varia de acordo com as diversas correntes de vento;
- A média de tempo do passeio é de duas horas e meia, visto que carrega 80 kg de gás e consome de 25 a 30 kg por hora, aproximadamente.

O número aproximado de balões existentes em todo o mundo é de quinze mil, sendo que os Estados Unidos contam com o maior número, possuindo cerca de onze mil. Na Inglaterra existem cerca de 1500 e na França 1200. Já no Brasil a quantidade é baixa em relação aos países citados, contando com cerca de 200 balões e 140 pilotos. O restante dos balões está espalhado pelo mundo (CBB, 2022).

Os materiais que compõe o balão são:

- Cesto: compartimento responsável pelo transporte dos ocupantes, cilindros e matérias utilizados durante o percurso.
- Cilindro: recipiente de alumínio, inox ou titânio onde se encontra o gás. Geralmente há quatro cilindros no balão e podem ser levados em ambas as formas, vertical e/ou horizontal.
- Envelope: material composto por nylon resistente a temperaturas superiores a 120° C.

² EBB é uma escola que atua há aproximadamente 20 anos no mercado. Possui diversos títulos de competições nacionais e internacionais e todos os pilotos de balões da escola são habilitados pela ANAC.

- Maçarico: componente feito de aço inoxidável e pela sua importância é considerado o motor do balão.
- Ventoinha: seu papel é empurrar de forma rápida e eficiente o ar frio para dentro do envelope, ajudando na inflagem do balão. (EBB, 2022).

Figura 13 - Vista do fogo dentro do balão



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

Há dois tipos de voos, denominados voo cativo que é quando ocorre a subida e a descida do balão e são realizadas por um cabo de ligação e existe o voo livre que ocorre quando a subida se dá pelo aquecimento da temperatura interna ou então pelo arremesso do lastro (EBB, 2022).

No Brasil, a primeira competição internacional ocorreu em 2014 no Município de Rio Claro, São Paulo. Tal competição atraiu aproximadamente 35 mil visitantes que puderam apreciar diversas provas entre 60 competidores de 22 países diferentes (MTUR, 2017). Algumas nomenclaturas de provas e modalidades praticadas no Brasil são Alvo Declarado pelo Juiz, Alvo Declarado pelo Piloto, Caça à Raposa, Cotovelo, *Fly In*, *Fly On*, Máxima Distância, Mínima Distância, Múltiplos Alvos Determinados, Prova de Navegação Convergente, Valsa da Hesitação, Valsa da Hesitação Dupla e Voo da Chave ou Key Grab (EBB, 2022).

A EBB (2022) aponta críticas sobre o lento crescimento e desenvolvimento da atividade no país, destacando em seu site:

[...] o registro de certificação comercial não é realizado pelo alto valor cobrado pelo Governo brasileiro por meio da TFAC 5272, que trata da certificação de balões e aeronaves pequenas, o que torna proibitiva essa certificação e impede o crescimento do balonismo no Brasil e a atividade turística do setor.

6.3 CICLOTURISMO

O cicloturismo é uma “atividade de turismo que tem como elemento principal a realização de percursos de bicicleta” (ABETA, 2022). Essas viagens, quando ocorrem por longos percursos, podem oferecer um único local de estadia ou diversos meios de hospedagem. No caso de curtos percursos, denominados passeios ciclísticos, a duração é de aproximadamente um dia e acontece nas proximidades turísticas do local de vivência (ABETA, 2022).

Figura 14 - Parte do trecho do cicloturismo no PEVV



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

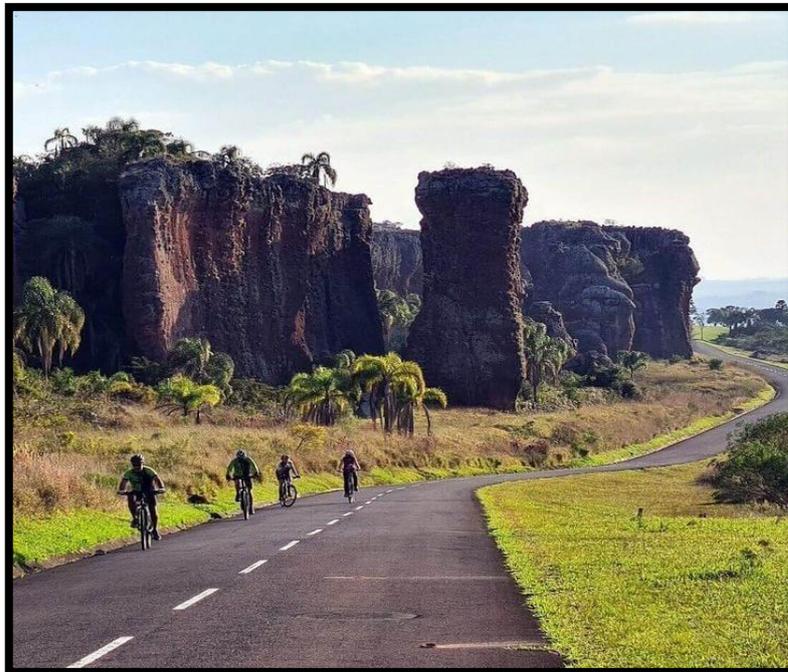
Para Lamont (2009) essa atividade é definida como viagens onde o foco principal é a participação ativa ou passiva no cicloturismo e que esteja sendo realizada fora da região de origem do praticante.

O cicloturismo muitas vezes envolve outros segmentos do turismo como o ecoturismo, turismo rural, turismo de aventura, turismo cultural e o turismo gastronômico. Pode ser realizado sozinho, com a família ou em grupos durando um

dia ou até meses, percorrendo áreas rurais, cidades ou países. Em sua visão, o praticante de cicloturismo considera todos os lugares como seu principal destino, ao contrário do turista comum que geralmente busca por um destino ou atrativo. “Nem todas as cidades possuem atrativos para todos os interesses turísticos, mas quase todas possuem atrativos aos cicloturistas” (CIRCUITOS DE CICLOTURISMO, 2010, p. 11).

Allué (2019) compreende o cicloturismo como um meio de conhecer e descobrir novos lugares, aliando o uso da bicicleta com a vista das paisagens naturais.

Figura 15 - Arenitos ao fundo da rota do cicloturismo no PEVV



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

A ABETA (2022) cita alguns riscos existentes na prática do cicloturismo, como: acidentes de trânsito, quedas ocasionando fraturas ou hematomas, o não uso ou desgaste dos EPI's e condições físicas que comprometam a realização da atividade.

Recentemente, o Ministério do Turismo aprovou a criação de um Grupo Técnico de Mobilidade Ativa e Cicloturismo. Com o segmento crescendo constantemente no país e vários desafios presentes, o objetivo deste grupo será levantar e analisar pesquisas, iniciativas e boas práticas para a melhoria de infraestruturas e condições de deslocamentos de pessoas e ciclistas em meio a destinos turísticos, rotas ou circuitos (MTUR, 2022).

Figura 16 - Cicloturismo realizado em grupo no PEVV



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

Edra e Teixeira (2019) apontam três modalidades que envolvem diretamente o uso da bicicleta com o turismo: turismo de bicicleta, cicloturismo urbano e cicloviagem. Segundo as autoras, o turismo de bicicleta é uma atividade onde o praticante utiliza uma bicicleta ou um triciclo, realizando na cidade ou entre cidades, durando um dia ou vários dias consecutivos. O cicloturismo urbano ocorre quando o turista vai até o atrativo ou passa a conhecer a cidade através de uma bicicleta ou triciclo. Já a cicloviagem acontece quando o turista realiza uma viagem de longa distância utilizando a bicicleta. Neste caso, ao mesmo tempo em que a bicicleta é o meio de transporte, ela torna-se também o principal atrativo da viagem que geralmente duram dois ou mais dias.

6.4 TIROLESA

Com origem na região de Tirol na Áustria (INSTITUTO ECO BRASIL, 2022) sua principal função não era transmitir aventura às pessoas como um esporte propriamente dito, e sim atuar como um meio de transporte fazendo travessias de pessoas, mantimentos e animais sobre os rios e montanhas da região (PORTAL NEREA, 2019³). Definida como um “produto em que a atividade principal é o deslizamento do cliente em uma linha aérea ligando dois pontos afastados na

³ Nerea é uma empresa que atua no ramo da aventura onde envolve atividades de técnicas verticais como rappel, tirolesa, escalada, arvorismo e circuitos de aventura, além de realizar cursos de resgate em altura. Ofertam cursos de resgate em altura e atendimento pré-hospitalar em competições esportivas e eventos em ambientes abertos. Surgiu em 2003 e atualmente possui uma loja voltada ao segmento de aventura.

horizontal ou em desnível, utilizando procedimentos e equipamentos específicos” (ABETA, 2022). Atualmente, essa atividade é praticada em diversos locais no mundo todo e, em alguns casos, é a atração principal do local. Vem crescendo constantemente no Brasil, visto sua diversão e privilégio de sobrevoar rios, fendas, cachoeiras ou matas, além de que não necessita de treinamento antecipado ou esforço físico para ser praticado. (ABETA, 2022).

Não sendo necessário o uso de força física, a tirolesa pode ser praticada em meio a montanhas, pedreiras, rios, matas, além de locais como hotéis fazenda, clubes, parques, entre outros destinos turísticos que possuem o atrativo em suas instalações. Entretanto, em qualquer ocasião, é preciso estar constituída sob as normas da ABNT, que regulamenta práticas de segurança.

Figura 17 - Estrutura de acesso na tirolesa do PEVV



Fonte: Autor, 2021.

Apesar de não exigir esforço ou treinamento, é indispensável o uso de equipamentos de segurança já que a atividade só pode ser praticada sob os fatores altura e velocidade. A estrutura é composta por uma cadeirinha de alpinismo, capacete, anel de fita, corda, mosquetão e uma polia tirolesa, tais equipamentos são necessários para garantir a segurança do praticante. Após oferecer todos esses itens, o praticante é colocado sentado na cadeira fixada em roldanas, preso com mosquetões e então inicia seu trajeto ao outro lado. Há duas formas para montar a tirolesa, uma sendo no sentido horizontal com o mesmo nível de altura entre os dois

pontos, e a outra de maneira inclinada, sendo o ponto de partida mais alto que o ponto que dá o fim à atividade (PORTAL NEREA, 2019).

Figura 18 - Visitantes preparados para a descida utilizando os EPI's



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

Apesar dos procedimentos e itens de segurança, todo esporte tem uma parcela de riscos. Na realização da tirolesa, os maiores riscos presentes estão no manuseio dos equipamentos, na equipagem do praticante e segurança durante a descida (ABETA, 2022). De acordo com o Portal Nerea (2019), a tirolesa por ser uma atividade praticada na altura, sendo baixa ou alta, os erros no processo de equipagem ou falha nos equipamentos podem ocasionar quedas causando lesões e dependendo das circunstâncias até mesmo a morte do praticante. Sendo assim, é importante que os instrutores obtenham preparo na equipagem dos praticantes e é inevitável a presença de profissionais para possíveis emergências.

Figura 19 - Tirolesa vista por baixo



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

6.4.1 TIPOS DE TIROLESA

As principais modalidades conhecidas são a tirolesa seca, onde o início do seu trajeto é através de uma plataforma e seu término em outra plataforma ou no próprio chão. Existe também a tirolesa molhada, onde seu término é realizado em água, podendo ser rio, lago, entre outros. (COSTA DO SAUÍPE, 2020).

A estrutura da tirolesa no PEVV permite que os visitantes desçam sozinhos ou a dois, porém um ao lado do outro e não utilizando dos mesmos equipamentos, conforme mostram as imagens a seguir:

Figura 20 - Descida individual



Fonte: Instagram do PEVV, 2022.

Figura 21 - Descida com dois visitantes ao mesmo tempo



Fonte: Instagram do PEVV, 2021.

7 RESULTADOS

Durante o período da pesquisa de campo realizada nos dias 01, 03, 09, 16 e 30 de outubro, buscou-se identificar se o principal motivo do fluxo de visitantes que o PEVV recebe são as atividades de aventura. Tais resultados se deram através de um questionário aplicado para diferentes visitantes, totalizando em cento e trinta e quatro pessoas abordadas, sendo cem adultos acima de dezoito anos e trinta e quatro menores de idade e apenas os questionários respondidos pelos adultos foram considerados válidos e contabilizados.

Dos cem abordados, oitenta e oito estavam realizando a visita pela primeira vez no parque, enquanto os outros doze já haviam realizado em outras ocasiões. Aos que já conheciam o parque, quando questionados por qual motivo estavam repetindo a visita, os mesmos responderam conforme demonstra o Gráfico 1:

Gráfico 1 - Motivo de visitar novamente o PEVV



Fonte: Elaborado pelo autor.

Cabe ressaltar que dos motivos apresentados não se obteve nenhum visitante motivado pelo item “aproveitar uma promoção”.

Em relação à recepção do parque, todas as respostas obtidas foram positivas, ou seja, nenhuma pessoa sentiu falta de algo, receberam todas as informações e instruções, assim como tiveram suas dúvidas sanadas antes e durante o passeio.

Ao todo, foram quarenta e dois visitantes do sexo masculino e cinquenta e oito do sexo feminino tendo suas idades variando entre dezoito e setenta e quatro anos (Gráfico 2):

Gráfico 2 - Dados sobre as idades dos visitantes



Fonte: Elaborado pelo autor.

A razão para cada um se deslocar até o parque variou conforme apresenta o Gráfico 3:

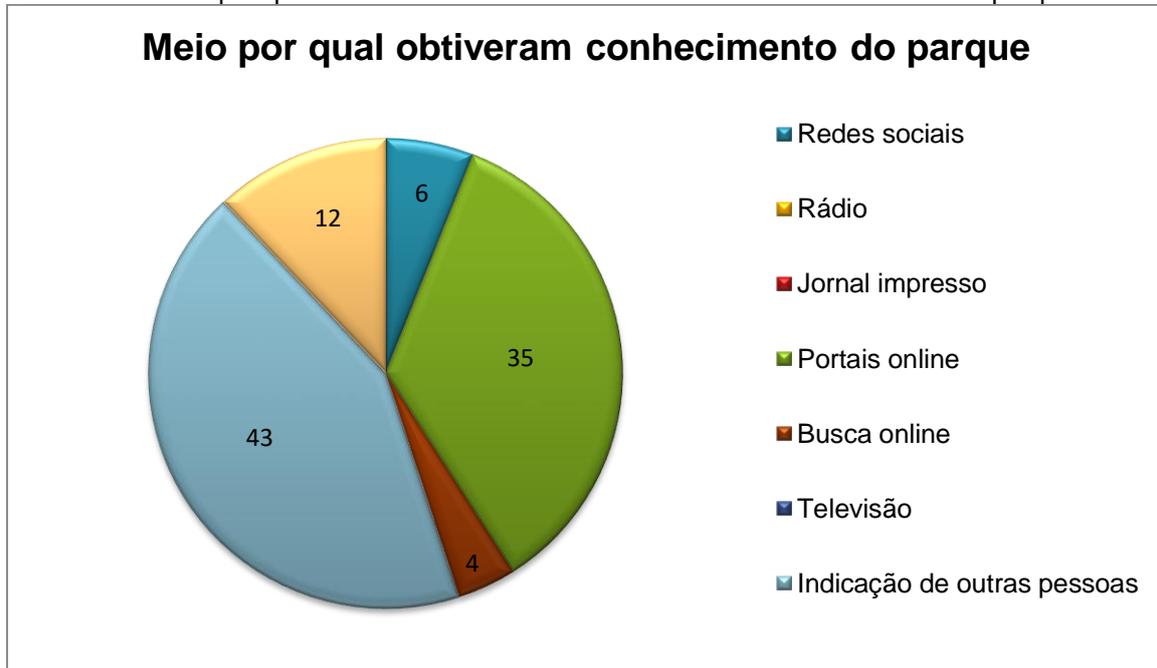
Gráfico 3 - Razão para realizar a visita no PEVV



Fonte: Elaborado pelo autor.

Já o Gráfico 4 apresenta como cada um obteve conhecimento do parque:

Gráfico 4 - Meios por quais os visitantes obtiveram conhecimento da existência do parque



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme demonstra o gráfico, percebe-se que os meios como rádio, jornal impresso e televisão não foram os responsáveis por atrair nenhuma pessoa durante os cinco dias da pesquisa.

Buscou-se através do questionário, saber se alguma promoção foi o motivo para realizar a visita ao parque. Tal questão teve todas as respostas negativas. Na sequência, foram apresentadas algumas promoções visando descobrir qual delas impactariam na decisão de escolher o PEVV para visitar (Gráfico 5):

Gráfico 5 - Promoções que mais atraem de acordo com os visitantes

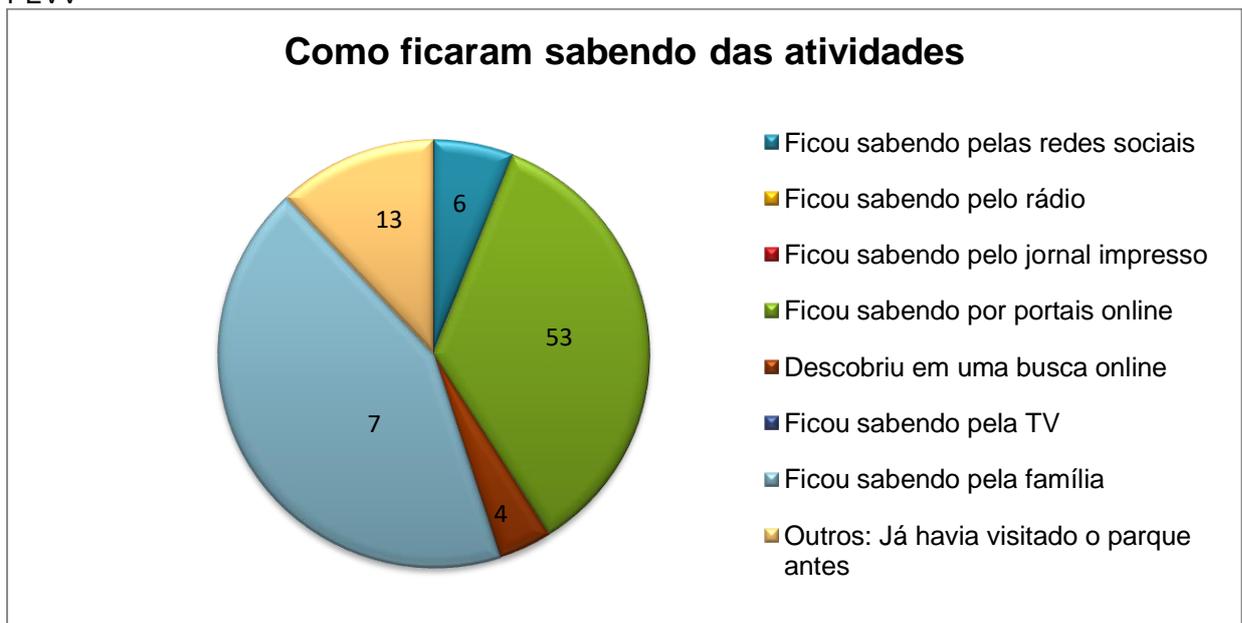


Fonte: Elaborado pelo autor.

De todos os visitantes abordados, a pesquisa apontou que as atividades de aventura eram de conhecimento de setenta e nove, porém apenas cinquenta e três praticaram pelo menos uma delas.

O Gráfico 6 apresenta por qual meio os visitantes souberam da existência das atividades:

Gráfico 6 - Meios por quais os visitantes obtiveram conhecimento das atividades de aventura no PEVV



Fonte: Elaborado pelo autor.

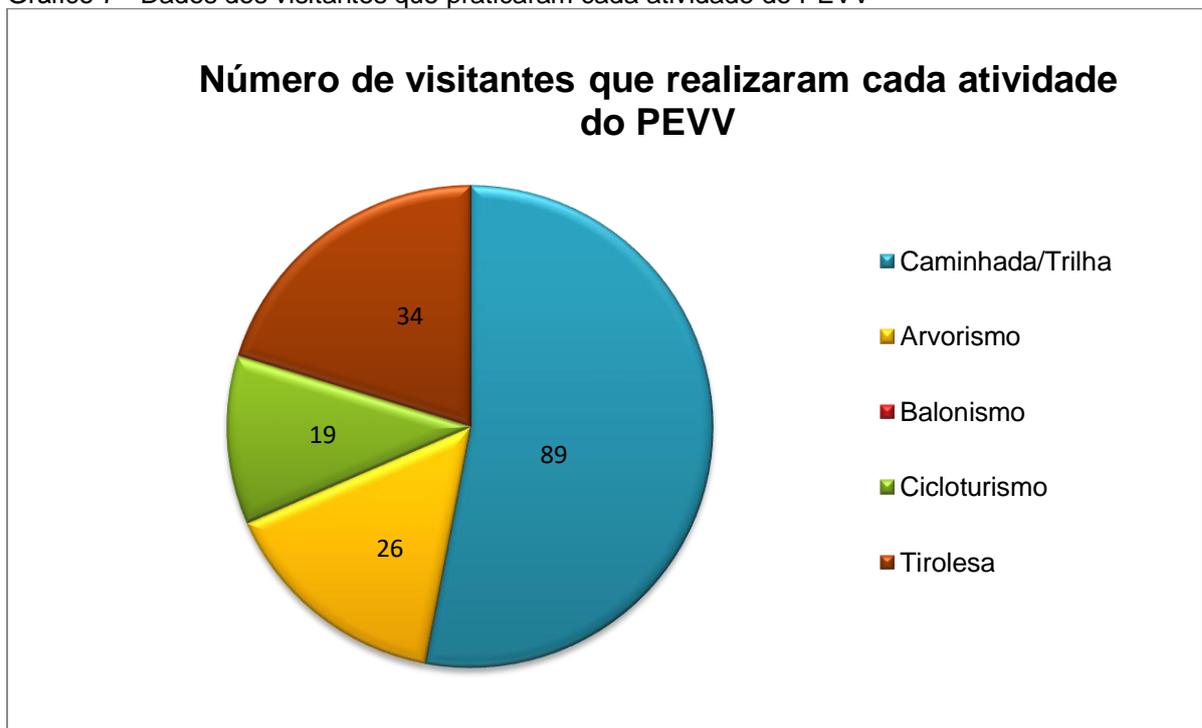
Importante destacar que ninguém soube das atividades através das redes sociais, rádio, jornal impresso ou da televisão.

Enquanto cinquenta e um visitantes abordados não praticaram arvorismo, balonismo, cicloturismo ou tirolesa durante a visita, outras quarenta e nova realizaram pelo menos uma delas. Portanto, mais da metade desses visitantes não estavam no parque por conta das atrações de aventura.

No entanto, apesar da maioria não ter realizado essas atrações durante o período da pesquisa, a maior parte respondeu positivamente quando questionados se possuem ou não possuem interesse em praticar essas atividades no PEVV, totalizando em cinquenta e cinco respostas positivas, enquanto as outras quarenta e cinco responderam negativamente. No que diz respeito aos interessados, alguns optaram por não praticar no dia da visita, mas em oportunidades futuras.

O Gráfico 7 apresenta a quantidade de pessoas que cada atividade recebeu durante a pesquisa:

Gráfico 7 - Dados dos visitantes que praticaram cada atividade do PEVV



Fonte: Elaborado pelo autor.

Vale destacar que durante o período da pesquisa não se obteve nenhuma prática do balonismo, visto que tal atividade não está disponível todos os dias no parque e depende das condições climáticas para ser ofertada.

Foi aplicado no questionário uma questão buscando saber quem tinha conhecimento sobre o parque ser um Parque Estadual, totalizando em noventa e três respostas positivas e sete respostas negativas.

De acordo com todos os visitantes, as placas e as sinalizações internas do PEVV são efetivas tanto para guiá-los quanto para informá-los sobre as atrações. No entanto, em relação à comunicação, houve uma sugestão de colocar um guia nas áreas das trilhas para melhor atendê-los.

Após os cinco dias de pesquisa de campo, o questionário aplicado totalizou em cem respostas. De acordo com os resultados obtidos, percebeu-se que mesmo com este segmento do turismo evoluir e ter mais procura constantemente, as atividades de aventura não são o motivo pelo qual as pessoas se deslocam até o parque, visto que a maior parte do fluxo de visitantes que o Parque Estadual de Vila Velha recebe todos os dias é devido aos arenitos, destacando-se neste quesito a "Taça de Vila Velha". Já a tirolesa que foi a atividade de aventura mais praticada, conta com uma considerável diferença no número de procura se comparada aos arenitos.

Como há pessoas de diferentes locais e regiões que visitam o PEVV, a pesquisa contou com a colaboração de visitantes de diferentes estados e municípios. O Quadro 4 apresenta os diferentes locais e o número de cada visitante residente em tal local:

Quadro 4 - Estados e municípios que residem os visitantes abordados durante a visita

ESTADOS	MUNICÍPIOS	NÚMERO DE RESIDENTES QUE VISITARAM O PEVV DURANTE A PESQUISA
Mato Grosso	Fátima do Sul	2
Minas Gerais	Sete Lagoas	4
Paraná	Bocaiuva do Sul	2
	Campo Largo	6
	Cantagalo	1
	Cianorte	5
	Curitiba	27
	Dois Vizinhos	2
	Guarapuava	5
	Londrina	4
	Ponta Grossa	14
	Rio Negrinho	2
São José dos Pinhais	3	
Santa Catarina	Florianópolis	11
	Joinville	5
São Paulo	Araraquara	3
	Campinas	4

Fonte: Elaborado pelo autor.

Importante ressaltar que dos cem visitantes abordados nenhum era estrangeiro ou residia fora do Brasil.

Na sequência, o Quadro 5 apresenta alguns produtos e atrações sugeridos pelos visitantes:

Quadro 5 - Produtos e atrações sugeridos pelos visitantes

PRODUTOS	ATRAÇÕES
Bicicletas para alugar	Reativar o elevador
Deck	Pedalinho
Patinete	<i>Bungee Jump</i>
Bebedouros	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Alguns visitantes ainda deixaram sugestões e críticas referentes ao parque, conforme demonstra o Quadro 6:

Quadro 6 - Sugestões e críticas deixadas pelos visitantes

SUGESTÕES	CRÍTICAS
Guia na trilha	Transporte sem conforto
Maior variedade de <i>Souvenirs</i>	Muito tempo entre um ônibus e outro
Disponibilizar repelente	Pouca sinalização na rodovia
Mais opções de alimentação	Pouca variedade nos cardápios
Aumentar a quantidade de lixeiras	Estacionamento longe
Introduzir uma área <i>kids</i>	Preço dos atrativos
Aumentar o número de bancos para descanso	
Estender os horários de funcionamento	

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para finalizar o questionário, houve a opção de cada um avaliar a visita como fraca, razoável, boa, muito boa, excelente e perfeita (Gráfico 8):

Gráfico 8 - Avaliação dos visitantes ao PEVV



Fonte: Elaborado pelo autor.

Para completar a avaliação, foi perguntado sobre a possibilidade dos visitantes retornarem ao parque numa oportunidade futura, tendo todas as respostas positivas tanto para repetir a visita quanto para recomendar a experiência a outras pessoas. Para recomendar a visita para um parente ou amigo, numa escala de um a dez, o Parque Estadual de Vila Velha seria indicado com nota nove por vinte e três pessoas, enquanto as outras setenta e sete recomendariam o parque com nota máxima.

CONCLUSÃO

De acordo com os resultados obtidos através do questionário, notou-se que apesar das diferentes atrações de aventura inseridas no Parque Estadual de Vila Velha, atualmente ele ainda não é lembrado ou procurado por este âmbito. É certo que o parque tem potencial para elevar a aventura, devido a sua estrutura, gestão, colaboradores, entre outros, porém, apesar desse crescente segmento do turismo, dificilmente essas atividades de aventura serão os principais atrativos do parque num futuro próximo.

Conforme os objetivos propostos para a pesquisa, as atividades que compõe as atrações do PEVV são de fato atividades de aventura e não radicais, visto que são praticadas no ar e na terra e, diante desses fatos, é inegável que existam riscos mesmos que pequenos, já que envolve altura e/ou velocidade. Portanto, é imprescindível o uso correto dos equipamentos de proteção. Através das atividades referidas, os visitantes tem a oportunidade de observar as belas paisagens que o parque oferece, devido serem realizadas de maneira contemplativas e não competitivas.

A pesquisa apresentou uma ampla diferença entre o número de visitantes que foram até o parque por conta dos arenitos e aqueles que de fato foram para praticar as atividades, sendo que alguns relataram que não sabiam da existência dessas atividades, passando a ter conhecimento apenas no momento da compra do ingresso na recepção, conseqüentemente, a maioria acabou não realizando pela falta de conhecimento, enquanto outros por conta dos valores e pelo tempo. Neste caso, compreende-se que tais visitantes foram ao parque sem indicação de pessoas que fizeram a visita após a concessão, ou que não pesquisaram antes, já que as atrações oferecidas são facilmente encontradas nas redes sociais ou no próprio site do parque.

Acredito que se compararmos os parques naturais localizados na região dos Campos Gerais, nenhum é mais completo que o PEVV, devido a sua estrutura, pelo transporte oferecido para deslocamento interno e pelo maior número de atrações, levando em consideração todos os atrativos e não somente as atividades de aventura.

Após as diferentes sugestões obtidas pelos visitantes, notou-se que mesmo aqueles que não foram atraídos pelas atividades, ainda sim gostariam que o número

de quantidade dessas atrações fosse maior, não somente para praticar, mas também para visualizar, destacando-se neste quesito o balonismo, visto que apesar de não receber nenhuma prática durante a pesquisa de campo, muitos gostariam de vê-lo no ar.

Presume-se que o aumento no número de atrações de aventura não será determinante para que os visitantes pratiquem as atividades, já que atualmente há diferentes opções de escolhas, portanto, apenas aumentar a quantidade dessas atrações não garante o retorno esperado. Porém, considerando que muitos não praticaram alegando alto valor, preços mais acessíveis seriam válidos para atrair maior procura.

Embora este segmento tenha um papel importante no turismo, há pouco tempo fazem parte das atrações do PEVV, tornando difícil obterem maior procura das pessoas em relação aos arenitos que estão lá há anos e são a razão do fluxo de visitantes. Por ainda serem recentes, muitos não tem conhecimento sobre elas, principalmente as gerações anteriores ou as pessoas que visitaram o parque há muito tempo. Acredito que com a geração atual, a tendência é que haja maior procura, já que as pessoas irão repassar essas informações e irão indicar o parque apresentando aquilo que ele possui.

Dessa forma, até a finalização da pesquisa, o objetivo proposto pelo trabalho resultou em negativo quanto às atividades de aventura ser o motivo principal da visita, já que a prioridade da maioria dos visitantes são os arenitos, em especial a “Taça” do Parque Estadual de Vila Velha.

REFERÊNCIAS

ALLUÉ, A. M. **Deporte, ocio y turismo: el caso del cicloturismo em Catalunya.** Revista española de educación física y deportes – REEFD. p. 219-226, 2019.

ALTA MONTANHA. **A importância da certificação CE e UIAA em equipamentos de escalada.** 2021. Maruza Silvério. Disponível em: <http://altamontanha.com/a-importancia-da-certificacao-uiaa-em-equipamentos-de-escalada/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA. **Atividades.** 2022. Disponível em: <https://abeta.tur.br/pt/atividades-lista/>. Acesso em: 25 set. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA; MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo. **Arvorismo: manual de boas práticas.** 1 ed. Belo Horizonte, 2009. V. 4.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE ECOTURISMO E TURISMO DE AVENTURA; MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo. **Sistema de gestão de segurança.** 1 ed. Belo Horizonte, 2009. V. 2.

Balonismo. 2022. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/educacao-fisica/balonismo.htm>. Acesso em: 20 jun. 2022.

BRASIL. **Sistema Nacional de Unidades de Conservação na Natureza (SNUC).** 2000. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/politicas/snuc.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

BUCKLEY, R.; UVINHA, R. R. **Turismo de aventura: gestão e atuação profissional.** Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2011. 240 p.

Circuitos de Cicloturismo: manual de incentivo e orientação para os municípios brasileiros. Florianópolis, 2010. 19 p. Disponível em: https://observatoriodabicicleta.org.br/uploads/2020/01/Manual_Circuitos_Cicloturismo-ViaCiclo.pdf. Acesso em: 04 jul. 2022.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BALONISMO. **Primeiro objeto voador apresentado por brasileiro.** 2022. Disponível em: <https://balonismo.org.br/historia/>. Acesso em: 19 set. 2022.

COSTA, V. L. M. **Esportes de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário.** São Paulo: Manole, 2000. 217 p.

COSTA DO SAÚÍPE. **Tirolesa: saiba tudo sobre essa aventura nos ares.** 2020. Disponível em: <https://www.costadosauipe.com.br/blog/tirolesa-saiba-tudo-sobre-essa-aventura-nos-ares>. Acesso em: 20 jun. 2022.

EDRA, F. P. M.; TEIXEIRA, C. A. **Cicloturismo**: origem e conceito da palavra a partir de koselleck. Turismo Visão e Ação. Balneário Camboriú, v. 22, p. 318-333, 2019.

ESCOLA BRASILEIRA DE BALONISMO. **Balonismo**: curiosidades. 2022. Disponível em: <https://www.escoladebalonismo.com.br/curiosidades>. Acesso em: 20 jun. 2022.

G1. **Concessão do Parque de Vila Velha é assinada, e empresa tem 30 dias para assumir atividades**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/campos-gerais-sul/noticia/2020/02/19/concessao-do-parque-de-vila-velha-e-assinada-e-empresa-tem-30-dias-para-assumir-atividades.ghtml>. Acesso em: 23 set. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 176 p.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Belezas naturais fazem do Paraná polo do turismo de aventura**. 2020. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Belezas-naturais-fazem-do-Paraná-polo-do-turismo-de-aventura>. Acesso em: 25 out. 2021.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Dados sobre as Unidades de Conservação**: dados gerais sobre as Unidades de Conservação. 2022. Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Dados-sobre-Unidades-de-Conservacao>. Acesso em: 15 set. 2022.

INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Plano de Manejo**: Parque Estadual de Vila Velha. 2022. Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Plano-de-Manejo-Parque-Estadual-de-Vila-Velha>. Acesso em: 15 set. 2022.

INSTITUTO ECO BRASIL. **Tirolesa**. 2022. Disponível em: http://www.ecobrasil.eco.br/site_content/25-categoria-atividades/888-tirolesa-zip-line. Acesso em: 20 jun. 2022.

KOVALSYKI, B. **Zoneamento de risco de incêndios florestais para o Parque Estadual de Vila Velha e seu entorno**. 73 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

LAMONT, M. J. **Reinventing the wheel**: a definitional discussion of bicycle tourism. Journal of Sport Tourism. V. 14, p. 1-42, 2009.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Atividades turísticas oferecem opções variadas para todos os gostos**. 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticia/atividades-turisticas-oferecem-opcoes-variadas-para-todos-os-gostos>. Acesso em: 25 set. 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Balonismo**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/aerodesporto/balonismo>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Balonismo e turismo nos céus do Brasil**. 2017. Geraldo Gurgel. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticia/balonismo-e-turismo-nos-ceus-do-brasil>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Brasil é apontado como o primeiro do mundo para aventura**. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/ultimas-noticia/brasil-e-apontado-como-o-primeiro-do-mundo-para-esportes-radicaais>. Acesso em: 20 set. 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Primeiro dia do Segurança em Foco no Rio reúne profissionais do setor aéreo**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/anac/pt-br/noticias/2022/primeiro-dia-do-seguranca-em-foco-no-rio-reune-profissionais-do-setor-aereo>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura**: relatório diagnóstico. Brasília: Ministério do Turismo, 2005. 84p.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Marcos conceituais**. 2006. 56p. Disponível em: http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo de aventura**: orientações básicas. 3 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 80p. Disponível em: <https://www.terrabrasil.org.br/ecotecadigital/images/Turismo%20de%20Aventura%20OB.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

MOREIRA, J. C.; ROCHA, C. H. **Unidades de Conservação nos Campos Gerais**. In: MELO, M. S.; MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. Patrimônio natural dos Campos Gerais do Paraná. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. Cap. 21, p.201-212.

MUNICÍPIO DE MAFRA. **Arvorismo para desfrutar e preservar a natureza**. 2014. Disponível em: <https://www.mafra.sc.gov.br/noticias/ver/2014/03/arvorismo-para-desfrutar-e-preservar-a-natureza>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NEREA. **Saiba tudo sobre tirolesa**. 2019. Disponível em: <https://www.lojanerea.com.br/blog/tudo-sobre-tirolesa/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

OLIVEIRA, C. P. L. **O arvorismo como apoio aos estudos da flora epifítica no inventário florístico florestal de Santa Catarina – IFFSC**: etapa floresta ombrófila densa. Revista de Estudos Ambientais, [S.l.], v. 14, n. 1, p. 89-103, jun. 2012. ISSN 1983-1501. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/rea/article/view/2455>.

PARQUE VILA VELHA. 2022. Disponível em: <https://parquevilavelha.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2022.

PARQUE VILA VELHA. **Mapa**. 2022. Disponível em: <https://parquevilavelha.com.br/mapa/>. Acesso em: 19 nov. 2022.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Arvorismo**. 2016. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/esportes/arvorismo>. Acesso em: 20 jun. 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Parque Estadual de Vila Velha**. Disponível em: <https://turismo.pontagrossa.pr.gov.br/parque-vila-velha/>. Acesso em: 09 jun. 2022.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999. 334 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DO IAT PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA



AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DO PARANÁ

Número: 22.22	Data de emissão: 14/07/2022	Protocolo: 19.057.476-8
---------------	-----------------------------	-------------------------

Dados do pesquisador e da pesquisa:

Nome: ELTON GUTOCK		
RG: 12.XXX.XXX-0	CPF: 083.XXX.XXX-59	
Título do Projeto: ESPORTES COMO ATRATIVO TURÍSTICO NO PARQUE VILA VELHA		

Unidade(s) de Conservação:

Parque Estadual Vila Velha

Espécie Exótica/rara/ameaçada de extinção:

Não.

Equipe de Trabalho:

Elton Gutock	RG: 12.XXX.XXX-0	CPF: 083.XXX.XXX-59
	RG: 0.XXX.XXX-0	CPF: 000.XXX.XXX-0
	RG: 0.XXX.XXX-0	CPF: 000.XXX.XXX-0
	RG: 0.XXX.XXX-0	CPF: 000.XXX.XXX-0
	RG: 0.XXX.XX-0	CPF: 000.XXX.XXX-0
	RG: 0.XXX.XXX-0	CPF: 000.XXX.XXX-0

Observações:

1. Não é permitida a coleta de espécies ameaçadas ou em risco de extinção;
2. As gerências da(s) UC(s) devem ser comunicadas com antecedência sobre os trabalhos em campo a serem realizados na Unidade;
3. Esta autorização tem validade até 14/07/2023 , podendo ser renovada no final do período, ficando condicionada à emissão de relatórios e à nova solicitação de autorização a cada soltura de espécimes.
4. Esta autorização não dá o direito do uso das imagens oriundas desse trabalho.
5. O pesquisador titular fica inteiramente responsável por qualquer integrante da sua equipe de trabalho, sendo ele brasileiro ou estrangeiro.

***É IMPRESCINDÍVEL O USO DE PERNEIRAS E CALÇADO FECHADO VISANDO GARANTIR A SEGURANÇA DOS ENVOLVIDOS DURANTE A PERMANÊNCIA NA UNIDADE.**

ESSE DOCUMENTO AUTORIZA GRAVAÇÃO DE AULA, CONFORME SOLICITAÇÃO.

Rafael Andreguetto
 Diretor de Patrimônio Natural
 Curitiba, 14 de julho de 2022

Rua Engenheiro Rebouças, 1206 | Rebouças | Curitiba/PR | CP 80215.100

Assinatura Avançada realizada por: **Rafael Andreguetto** em 14/07/2022 11:19. Inserido ao protocolo **19.057.476-8** por: **Mariana Lampe** em: 14/07/2022 10:54. Documento assinado nos termos do Art. 38 do Decreto Estadual nº 7304/2021. A autenticidade deste documento pode ser validada no endereço: <https://www.eprotocolo.pr.gov.br/spiweb/validarDocumento> com o código: **4c87ab123cd65cdf3cdf08c749ea4b6**.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS VISITANTES DO PEVV



Declaro que aceito participar anonimamente da pesquisa intitulada “Atividades de aventura como atrativo turístico no Parque Estadual de Vila Velha - Paraná” do aluno Elton Gutock, bacharelado em Turismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientado pela professora Dra. Jasmine Cardozo Moreira. A pesquisa tem como objetivo analisar atividades de aventura no Parque Estadual de Vila Velha. Sabendo disso, ajudarei a fornecer dados de grande valia para a construção do trabalho. Minha participação consistirá em responder um formulário por escrito, com duração aproximada de 3 minutos.

(100%) Sim () Não.

Atividades de aventura como atrativo turístico no Parque Estadual de Vila Velha – Paraná/2022

1. Esta é a sua primeira visita em Vila Velha? (88) Sim (12) Não

2. Como foi a sua recepção no Parque Vila Velha? Sentiu falta de alguma informação ou instrução?

(100%) Boa () Ruim _____

3. Caso não tenha sido a sua primeira vez no Parque, qual o motivo de visitar novamente? (pode escolher mais de uma)

- (1) Rever os arenitos
- (2) Realizar as atividades de aventura
- (2) Visitou o parque há muito tempo atrás
- (6) Ver como o parque ficou após a concessão
- (0) Aproveitar uma promoção
- (1) Outros: Trazer os filhos para conhecer.

4. Caso tenha vindo aproveitar uma promoção, sua visita ao Parque Vila Velha já estava programada antes de saber da promoção?

() Sim (100%) Não

5. Como ficou sabendo do Parque Vila Velha?

- (6) Fiquei sabendo pelas redes sociais
- (0) Fiquei sabendo pelo rádio
- (0) Fiquei sabendo pelo jornal impresso
- (35) Fiquei sabendo por portais online
- (4) Descobri em uma busca online
- (0) Fiquei sabendo pela TV

(43) Indicação de família e amigos

(12) Visitei quando criança

Outros, quais? _____

6. Você já foi impactado por alguma de nossas promoções? (38) Sim (62) Não

Se sim, quais?

(3) Desconto no ingresso

(0) Desconto nas atrações

(35) Atrações em dobro

(0) Gratuidade em datas comemorativas

7. Que tipo de promoção mais te atrai?

(9) Desconto no ingresso

(14) Desconto nas atrações

(75) Atrações em dobro

(2) Gratuidade em datas comemorativas

8. Quantos adultos há em seu grupo hoje? _____

9. Quantas crianças até 17 anos há em seu grupo? _____

10. Quais atividades você já realizou durante sua visita?

(89) Caminhada/Trilha

(34) Tirolesa

(26) Arvorismo

(17) Compra de artesanato

(0) Passeio de balão

(38) Gastronomia

(19) Cicloturismo

11. Você sabia que há atrações de aventura no Parque? (79) Sim (21) Não

Se sim, como ficou sabendo?

(0) Fiquei sabendo pelas redes sociais

(0) Fiquei sabendo pelo rádio

(0) Fiquei sabendo pelo jornal impresso

(53) Fiquei sabendo por portais online

(4) Descobri em uma busca online

(0) Fiquei sabendo pela TV

(7) Indicação de família e amigos

(13) Fui informado pela equipe quando cheguei

(2) Outros: Já haviam visitado o PEVV.

12. Você tem interesse nessas atrações mais radicais? (55) Sim (45) Não

13. As placas e sinalizações estão sendo efetivas para guiar as trilhas e informar sobre nossas atrações? (100%) Sim () Não

Caso não, existe alguma sugestão de melhoria _____

14. A equipe do Parque tem sido prestativa em sanar suas dúvidas no decorrer do passeio?

(100%) Sim () Não

15. De modo geral, acredita que exista algum ponto de melhoria na disposição das comunicações e sinalizações internas? (1%) Sim (99%) Não
Se sim, quais Colocar um guia nas trilhas.

16. Dos itens a seguir, qual sua principal razão para visitar esta área? Por favor, escolha uma opção:

(3%) Eu vim porque gosto do lugar em si

(2%) Eu vim porque é um bom lugar para praticar as atividades ao ar livre que eu gosto

(1%) Eu vim porque queria passar mais tempo com meus amigos / família

(5%) Eu vim porque é próximo de casa

(87%) Eu vim porque gosto do contato com a natureza

(2%) Eu vim porque é um bom lugar para conhecer a cultura desta região

17. Quais produtos/atrações você gostaria que tivesse no Parque?

Resposta no Quadro 5.

18. Você sabia que essa área é um Parque Estadual antes de chegar aqui?

(93%) Sim (7%) Não

19. Em geral, como você avaliaria sua visita a esta área hoje?

(0) Fraca (0) Razoável (5%) Boa (15%) Muito boa (11%) Excelente (69%) Perfeita

20. Se você tivesse a oportunidade, você visitaria novamente o Parque no futuro, caso novos produtos fossem oferecidos?

(100%) Sim () Não

21. Você recomendaria essa mesma experiência a outras pessoas?

(100%) Sim () Não

22. Em uma escala de 1 a 10, quanto você indicaria o Parque Vila Velha a um amigo ou parente?

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 (23%) 9 (77%) 10

23. Onde você mora? Cidade: Estado: (Se outro país, onde):

Resposta no Quadro 4.

24. Qual sua idade? Resposta no Gráfico 2.

25. Qual seu gênero?

(42) Masculino (58) Feminino () Outro

26. Qual seu nível de escolaridade?

(13%) Ensino Fundamental

(32%) Ensino Médio

(16%) Superior Incompleto

(24%) Superior Completo

(15%) Pós-graduação

27. Gostaria de fazer alguma sugestão? (em aberto)

[Resposta no Quadro 6.](#)